

MAQUINADA  
DOS ANOS 1910

POESIAS

DE

Soror Violante do Ceo

## SONETOS

### I

Amor, se uma mudança imaginada,  
É já com tal rigor minha homicida,  
Que será se passar de ser temida  
A ser, como temida, averiguada?

Se só por ser de mim tam receada,  
Com dura execução me tira a vida,  
Que fará se chegar a ser sabida?  
Que fará se passar de suspeitada?

Porém se já me mata, sendo incerta,  
Somente imaginá-la e presumi-la,  
Claro está (pois da vida o fio corta),

Que me fará depois, quando fôr certa:  
— Ou tornar a viver, para senti-la,  
Ou senti-la também depois de morta.

## II

Se era brando o rigor, firme a mudança,  
Humilde a presumpção, vária a firmeza,  
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,  
Triste o prazer, discreta a confiança.

Terá a ingratidão firme lembrança,  
Será rude o saber, sábia a rudeza,  
Lhana a ficção, sofisticada a lhaneza,  
Aspero o amor, benigna a esquivança;

Será merecimento a indignidade,  
Defeito a perfeição, culpa a defesa,  
Intrepido o temor, dura a piedade;

Delicto a obrigação, favor a offensa,  
Verdadeira a traição, falsa a verdade,  
— Antes que vosso amor meu peito vença.

## III

Se apartada do corpo a doce vida,  
Domina em seu lugar a dura morte,  
De que nasce tardar-me tanto a morte  
Se ausente d'alma estou, que me dá vida?

Não quero sem Silvano já ter vida,  
Pois tudo sem Silvano é viva morte,  
Já que se foi Silvano, venha a morte,  
Perca-se por Silvano a minha vida.

Ah! suspirado ausente, se esta morte  
Não te obriga querer vir dar-me vida,  
Como não ma vem dar a mesma morte?

Mas se nalma consiste a propria vida,  
Bem sei que se me tarda tanto a morte,  
Que é porque sinto a morte de tal vida.

## IV

Que suspensão, que enleio, que cuidado  
É este meu, tirano deus Cupido?  
Pois tirando-me enfim todo o sentido  
Me deixa o sentimento duplicado.

Absorta no rigor de um duro fado,  
Tanto de meus sentidos me divido,  
Que tenho só de vida o bem sentido  
E tenho já de morte o mal logrado.

Enlevo-me no damno que me offende,  
Suspendo-me na causa de meu pranto  
Mas meu mal (ai de mim!) não se suspende.

Ó cesse, cesse, amor, tam raro encanto  
Que para quem de ti não se defende  
Basta menos rigor, não rigor tanto.

## V

Vida que não acaba de acabar-se,  
Chegando já de vós a despedir-se,  
Ou deixa por sentida de sentir-se,  
Ou pode de immortal acreditar-se.

Vida que já não chega a terminar-se,  
Pois chega já de vós a dividir-se,  
Ou procura vivendo consumir-se,  
Ou pretende matando eternizar-se.

O certo é, Senhor, que não fenece,  
Antes no que padece se reporta,  
Porque não se limite o que padece.

Mas, viver entre lagrimas, que importa?  
Se vida que entre ausencias permanece  
E' só viva ao pezar, ao gosto morta?

## VI

Se por não me lembrar de um crocodilo,  
Que matar-me intentou com falso pranto,  
Podera sugerir-me a rigor tanto,  
Que habitara cos mais no egipcio Nilo.

Se por não me acordar daquelle estilo,  
Que foi já por meu mal infausto encanto,  
Podera padecer, causando espanto,  
Quantos tormentos inventou Perilo.

Tudo passára enfim, tudo fizera  
Por não me vir jámais ao pensamento.  
Quem fingindo chorou, matou fingido.

Mas que raro tormento não quisera,  
Quem julga só pelo maior tormento,  
A lembrança menor de um fementido.

## VII

Quem, depois de alcançar o que pretende,  
Da mesma obrigação delicto forma;  
Quem em castigo o galardão transforma,  
Ou aborrece muito, ou pouco entende.

Mas do nome de ingrato se defende,  
Bem co de presumido se conforma  
Quem quando mais feliz queixoso informa,  
Quem em vez de premiar ingrato offende.

Porém, quando o juizo é levantado,  
Quem duvida que a queixa é fingimento,  
De quem não se quer dar por obrigado?

Este motivo foi do vosso intento,  
Porém não se logrou, que o meu cuidado,  
Tem por premio melhor este escarmento.

## VIII

[Ao Dr. Duarte Madeira Arráez]

Ó tu, que oposto sempre á dura Parca,  
 Conservas em teu ser o ser humano,  
 Pois por ser Esculapio soberano,  
 Menos por seu respeito a morte abarca.

Tu, que Arráez deves ser, da vital barca,  
 Que navega no mar do mal tirano,  
 Novo Galeno, Apolo lusitano,  
 Medico, enfim, do português Monarca,

Logra de singular a feliz sorte,  
 Tanto apezar da intrepida homicida,  
 Que sejas do mais douto immortal norte.

Pois victoria será bem merecida  
 Que quem opor se sabe á mesma morte,  
 Saiba dar a seu nome immortal vida.

## IX

[A Dona Mariana de Luna]

Musas que no jardim do rei do dia  
 Soltando a doce voz prendeis o vento;  
 Deidades que admirando o pensamento,  
 As flores augmentaes que Apolo cria;

Deixae, deixae do sol a companhia,  
 Que fazendo invejoso o firmamento,  
 Uma lua, que é sol, e que é portento,  
 Um jardim vos fabrica de harmonia.

E porque não cuideis que tal ventura  
 Pode pagar tributo á variedade,  
 Pelo que tem de lua a luz mais pura,

Sabei que acreditando a divindade,  
 Este jardim canoro se assegura  
 Com o muro immortal da eternidade.

## X

[Teme a morte repentina, e a justa sentença de condenação].

Temer, que se execute uma sentença,  
 A todo humano ser notificada,  
 Acção é natural, mas bem fundada  
 Na conta de uma offensa, e outra offensa.

Imaginar que é qualquer doença  
 Precursora da morte decretada,  
 Que muito, se talvez dissimulada  
 Vem sem aviso, e sempre sem licença!

Condemne meus temores quem se atreve  
 A viver sem temor no breve encanto  
 Da vida, que conhece por tão breve:

E tema eu, Senhor, com justo espanto;  
Porque, se só não teme quem não deve,  
Bem é que tema eu, pois devo tanto.

## XI

*[Vozes de uma dama desvanecida de dentro de uma sepultura, que fala a outra dama, que presumida entrou em uma igreja com os cuidados de ser vista e louvada de todos, e se assentou junto a um tumulo, que tinha este epitafio, que leu curiosamente:]*

O' tu, que com enganos divertida  
Vives do que has de ser tão descuidada,  
Aprende aqui lições de escarmentada,  
Ostentará's acções de prevenida.

Considera, que em terra convertida  
Jaz aqui a belleza mais louvada,  
E que tudo o da vida é pó, é nada,  
E que menos que nada a tua vida.

Considera, que a morte rigorosa  
Não respeita belleza, nem juizo,  
E que sendo tam certa é duvidosa:

Admitte deste tumulo o aviso,  
E vive do teu fim mais cuidadosa,  
Pois sabes, que o teu fim é tam preciso.

## XII

*[A El-Rei D. João IV de Portugal]*

Que logras Portugal? — um rei perfeito.  
Quem o constituiu? — sacra piedade:  
Que alcançaste com elle? — a liberdade.  
Que liberdade tens? — ser-lhe sugeito.

Que tens na sugeição? — honra e proveito.  
Que é o novo rei? — quasi deidade.  
Que ostenta nas acções? — felicidade.  
E que tem de feliz? — ser por Deus feito.

Que eras antes delle? — um labyrintho.  
Que te julgas agora? — um firmamento.  
Temes alguém? — não temo a mesma Parca.

Sentes alguma pena? — uma só sinto.  
Qual é? — não ser um mundo, ou não ser cento,  
Para ser mais capaz de tal Monarca.

## XIII

*[Ao mesmo]*

Um só pezar, senhor, sente a vontade  
Neste excesso da gloria portuguesa,  
E é não poder comvosco uma fineza  
Deixar de parecer comodidade.

Quem se vos rende, alcança liberdade,  
 Quem vos adora, ostenta subtileza,  
 Servir-vos muito, é de notar grandeza,  
 Morrer por vós, buscar eternidade.

Tudo finezas são, mas de tal modo  
 Comodidades só parecem, quantas  
 Finezas ha na paga que dais nellas.

E assim de todas o remédio todo  
 E' fazermos por vós finezas tantas,  
 Que talvez o pareça alguma dellas.

## XIV

*[Ao nascimento do Principe nosso Senhor D. João, que Deus guarde, que nasceu em sabado, 22 de outubro deste presente anno de 1689, secundogenito do Senhor Rei D. Pedro II, de Portugal, e da Rainha nossa Senhora D. Maria Sofia Isabel, que Deus guarde com as desejadas felicidades nos vaticinios deste seu Reino]*

Nasce segundo para ser primeiro,  
 Este princepe augusto e peregrino,  
 Pois logrando excellencias de divino,  
 Sugeitará felice o mundo inteiro.

Nasce para aumentar o cativoiro  
 Dos corações do Luso e Palatino;  
 Pois cada qual se ostentará mais fino  
 Em tributar-lhe o amor mais verdadeiro.

Nasce para exemplar de magestades,  
 Honra de Portugal, pasmo do mundo,  
 Gloria de Deos, jactancia de Lisboa.

Nasce para depois de eternidades,  
 Succeder a um monarca sem segundo,  
 Nos meritos, no cetro, e na coroa.

## XV

*[A El-Rei nosso Senhor em agradecimento de uma mercê, que fez á Autora em o dia do nascimento do Principe D. João, que Deus guarde]*

A vossos pés, monarca generoso,  
 Graças vos sacrificio agradecida  
 Por conceder soccorros a uma vida  
 Contra o poder do fado rigoroso.

Remunere o Senhor mais poderoso  
 Uma acção tanto ás suas parecida,  
 Pois quanto tem de menos merecida,  
 Tanto mais vos abona de piedoso.

Oh vivei, Alexandre Lusitano,  
 Idades tam sem conto, que divino  
 Vos presuma talvez o ser humano:

Vivei para alcançardes de contino  
 Já victorias do perfido Othomano,  
 Já triunfos tambem de meu destino.

## XVI

## MADRIGAL

Enfim fenece o dia,  
 Enfim chega da noite o triste espanto,  
 E não chega desta alma o doce encanto:  
 Enfim fica triumphante a tyrania,  
 Vencido o soffrimento,  
 Sem alívio meu mal, eu sem alento,  
 A sorte sem piedade,  
 Alegre a emulação, triste a vontade,  
 O gosto fenecido,  
 Eu infelice enfim, Lauro esquecido...  
 Quem viu mais dura sorte?  
 Tantos males, amor, para uma morte?  
 Não basta contra a vida  
 Esta ausencia cruel, esta partida?  
 Não basta tanta dor? tanto receio?  
 Tanto cuidado, ai triste, e tanto enleio?  
 Não basta estar ausente,  
 Para perder a vida infelizmente?  
 Se não tambem, cruel, neste conflicto  
 Me negas o soccorro de um escripto?  
 Porque esta dor que a alma me penetra  
 Não ache o maior bem na menor letra,  
 Ai! bem fazes, amor, tira-me tudo!  
 Não ha alívio, não, não ha escudo,  
 Que a vida me defenda,  
 Tudo me falte, enfim, tudo me offenda,  
 Tudo me tire a vida,  
 Pois eu a não perdi na despedida.

## XVII

## DECIMAS

[A Diogo Ferreira Figueiroa pelo seu livro intitulado  
 « Theatro da maior gloria Portuguesa »]

Sois artifice e figura  
 De theatro tam perfeito,  
 Que imita em não ter defeito  
 A' celeste architectura.  
 Representando a ventura  
 Do Luso mais celebrada,  
 Tanto a fazeis admirada,  
 Tanto a deixais applaudida,  
 Que se alegrou succedida,  
 Suspende representada.

## XVIII

[A um Doutor que chamou á Autora em uns versos que  
 lhe fez viola — flôr, e viola — instrumento]

Contradizer a um Doutor  
 Bem sei que é temeridade:  
 Porém com uma verdade,  
 Quero pagar um louvor:  
 Nem instrumento, nem flor  
 Sou; porém, se o posso ser,  
 Ninguem trate de emprehender  
 O que não ha de alcançar:  
 Pois nenhum me ha de tocar,  
 Pois nenhum me ha de colher.



## XIX

Mais sciencia que verdade  
 Acho nesta certidão,  
 Pois me causa admiração,  
 Porém não seguridade:  
 Quem fazer quer a vontade  
 A quem eu venero, e sigo,  
 Que não será muito digo  
 (Mas não o digo por gabo)  
 Querer dar alma ao diabo,  
 Por amor de tal amigo.

\*

Dous estremos o cuidado  
 Me combatem juntamente:  
 Um — receio do presente,  
 Outro — o medo do passado:  
 Se escrivão tam abonado  
 Me assegura com verdade,  
 Não será temeridade  
 Presumir, que em sizo, ou graça,  
 Se não deu fé da desgraça,  
 Que deu fé da necessidade.

\*

E assim posto que delira  
 Quem ostenta variedade,  
 Ora sinto ser verdade,  
 Ora sinto ser mentira:  
 Porque se da maior ira  
 Meus papeis despojos são  
 Que o sinto muito é razão,  
 Porém mais (que em tal distancia)  
 Dé fé da minha ignorancia  
 Tam notavel discrição.

\*

Porém o mais certo é  
 (Que se bem é singular)  
 Pouca fé poderá dar  
 Quem não sabe guardar fé:  
 Serei como S. Thomé  
 Em não crer nunca sem ver:  
 Pois não deixo de entender,  
 Com indicios a milhares,  
 Que quem tem damas aos pares,  
 Pouca fé deve de ter.

## XX

Tem-me tam desvanecida  
 Sugeição tam venturosa,  
 Que sendo a mais respeitosa,  
 Sou hoje a mais atrevida:  
 Mas estou tam presumida  
 De ver-me subdita vossa,  
 Que não é muito que possa  
 Festejar com tal excesso  
 Por vosso o melhor successo,  
 A maior dita por nossa.

\*

Mas se hei-de fallar verdade,  
 Senhor, em metrico assento,  
 O vosso merecimento  
 E' maior que a dignidade:  
 Igual a capacidade  
 De vosso illustre sujeito  
 Espero ver-vos eleito:

Pois para que assim vos seja,  
 Não pode a maior inveja  
 Achar-vos nunca defeito.

\*

O cargo de ser prior  
 Não vossas partes melhora,  
 Que se prior sois agora  
 Sempre sois superior:  
 Oh! não trateis com rigor  
 Aspecto tam permanente:  
 Mas se o delirio presente  
 Não tem desculpa bastante  
 Tende-me por delirante,  
 Mas sabeis que estou contente.

XXI

Coração, basta o sofrido,  
 Ponhamos termo ao cuidado,  
 Que um desprezo averiguado  
 Não é para repetido:  
 Basta o que havemos sentido,  
 Não demos mais ao tormento,  
 Que passa de sofrimento,  
 Dar por um desdem tirano  
 Toda a alma ao desengano,  
 Toda a vida ao sentimento.

\*

Fujamos deste perigo,  
 Livremo-nos, coração,  
 Que não é bom galardão  
 O que parece castigo:

Eu comvosco, e vós comigo  
 Melhor o mal passaremos:  
 Pois entre amantes estremos  
 Tam divididos ficamos,  
 Que se nós comunicamos  
 E' só quando padecemos.

\*

Aquelle bronze animado,  
 Por quem deixais de assistir-me,  
 Ai! que as finesas de firme  
 Troca em desdens demudado:  
 Deixemos pois um cuidado,  
 Que serve só de homicida;  
 Porém se é força que a vida  
 Fique igualmente arriscada:  
 Antes que de despresada,  
 Quero morrer de esquecida.

XXII

*Cuidados assim vos quero,  
 Que sejais desesperados.*

GLOSA PROPRIA

E' tal a causa que amor  
 Vos deu, cuidados queridos,  
 Que em serdes della nascidos  
 Me dais o premio maior:  
 Quem não aspira ao valor,  
 Que não esperando espero,  
 Tenha por caso severo

Querer-vos sem pretender,  
Que eu só para merecer,  
Cuidados assi vos quero.

\*

Só sinto a difficuldade  
Com que este amor satisfaço,  
Por não dizerem que faço  
Virtude a necessidade;  
Porque a serdes com verdade  
De esperanças animados,  
Eu as deixara, cuidados,  
Por merecer nesta empresa,  
Por cuja razão me peza,  
Que sejais desesperados.

XXIII  
CANÇAM

[ *À Madre Dona Maria de Menezes sendo Priora do  
Convento do Salvador de Lisboa* ].

Discreta maravilha,  
Assombro do maior entendimento,  
Excesso, a que se humilha  
O mais desvanecido pensamento,  
Prodigio soberano,  
Divina intelligencia em ser humano :

Quem poderá louvar-vos  
Sem passar pelo risco de offender-vos,  
Se para exagerar-vos  
E' forçoso, senhora, comprehender-vos ?  
E' maior impossivel  
Chegar a comprehender o incomprehensivel.

E' vosso entendimento  
Tam raro, tam subido, tam divino,  
Que de maior portento  
Póde ter o attributo peregrino,  
E ainda este attributo  
E' do maior saber menor tributo.

Quem conhecer o extremo  
De vosso entendimento soberano,  
Que vos inveje temo ;  
Mas vem a ser tão util este damno,  
Que quem tiver inveja  
Mostrará que conhece o que deseja.

Eu pelo menos digo,  
Que absorta no divino deste excesso  
Contra o mesmo, que sigo,  
Invejosa, senhora, me confesso,  
Porque mostrar desejo  
Que conheço o que sois, pois vos invejo.

Mas é tam rara em tudo  
A inveja, que procede de tal causa,  
Que nem de affectos mudo,  
Nem vossa presumpção pezar me causa,  
Antes, se considero,  
Quanto mais vos invejo, mais vos quero.

Discreta, illustre, e santa  
Vos intitula a fama, que publica  
Excessos, com que espanta,  
Afeiçoa, suspende, e edifica ;  
Que o mais discreto extremo  
E' saber agradar ao Rei supremo.

Sois Silva generosa,  
Sois illustre, sois sabia, sois benina,  
Sois digna, e sois ditosa,  
Sois prudente, sois santa, e sois divina,  
E enfim sois tam amada,  
Que repetidas vezes sois Prelada.

Lograe eternidades  
Esse raro valor, esse juizo  
Entre as mais santidades,  
Que habitam no ditoso paraiso  
Do Salvador, aonde  
O divino Gusmão tal prenda esconde.

E vós, Cysnes canoros,  
Que habitaes no cristal do claro Tejo,  
Solemnizae a coros  
A rara discricção. que amando invejo,  
Pois eu não chego a tanto,  
Que transforme em louvor meu justo espanto.

## XXIV

## ELEGIA

[ *À morte do serenissimo senhor D. Duarte, Infante de Portugal, e irmão do senhor Rei D. João IV de gloriosa memoria* ].

Chore o valor, desmaie-se o alento,  
Sinta a razão, suspenda-se o sentido,  
Reine o pezar, impere o sentimento,

Vendo a breve despojo reduzido  
O maior vencedor, o mais triumphante,  
Que foi da mesma inveja conhecido.

O que por ser de Portugal Infante,  
Objecto foi da acção mais rigorosa,  
Que chorou justamente affecto amante.

Vivia a competencia temerosa,  
Invejoso o valor, teimosa a ira,  
Livre o vigor, a inveja poderosa ;

E como cada qual sempre delira,  
Cada qual decretou, que se acabasse  
A vida, por que amor chora, e suspira.

Quem vio que com rigor se terminasse  
A grandeza, o valor, a valentia,  
Que era razão, que o mundo eternizasse !

Mas já que eternizar-se não podia  
Tam divino valor, por ser humano,  
Não lhe apressára o fim a tirania.

Mas como fôra o odio tam tirano,  
Se não se resolvera a desatinos,  
Se não seguira as leis do cego engano !

Tirar do mundo os meritos mais dignos,  
E tirar-lhe primeiro a liberdade  
Rigores são de humano peito indignos.

Mas que importa acabar a humanidade,  
Se fica a alma em tudo mais luzida  
No lugar immortal da eternidade!

Que importa que feneça a mortal vida  
Se fica para sempre a soberana  
Na mesma eternidade introduzida!

Oh! tu, augusto Rei, deidade humana,  
Quarto no nome, e no valor primeiro,  
Libertador da Patria Lusitana:

Tu, que como Monarca verdadeiro,  
Extinguiste o poder de uma violencia,  
Terminaste o rigor de um cativoiro,

Não sintas de Duarte a dura ausencia,  
Considera, Senhor, que tens agora  
Mais util seu favor, que na assistencia.

Considera, que a perda foi melhora,  
Pois tens na melhor Corte um assistente,  
Que a divino poder favor implora.

Considera, que vive eternamente  
Teu venturoso irmão, onde á ventura  
Vinculado está sempre o permanente.

E tu, que absorto estás na luz mais pura,  
Generoso Duarte, excelso Infante,  
Possuindo a bonança mais segura,

Lembra-te de evitar o naufragante,  
De quem no mar do mundo impetuoso  
Sabes, que fica ainda navegante.

Lembra-te de evitar o tormentoso,  
Conservar o tranquillo, e sossegado  
Apezar do contrario rigoroso.

Mostra de Portugal tanto cuidado,  
Que fique o pensamento do homicida  
Com seu proprio delicto castigado.

Seja a tua vitoria dividida,  
Porque seja mais grande essa vitoria,  
Logrando tu no ceo immortal gloria,  
Tendo João no mundo immortal vida.

XXV

EPISTOLA

[*A senhora D. Isabel de Castro na morte da Rainha  
nossa Senhora D. Luíza de Gusmão, que faleceu  
em 27 de fevereiro de 1666*].

Se para exagerar meu sentimento  
Tivera, oh discretissima senhora,  
Um atomo do vosso entendimento,

Soubereis quanto sente, e quanto chora  
Quem chegou a perder não só Rainha,  
Se não tambem benigna protectora.

Porém quem de divina tanto tinha  
Nas virtudes e prendas, que lograva,  
Só viver com divinos lhe convinha.

Quem como soberana se ostentava  
Nas perfeições, que rara possuía,  
Entre as humanidades não se achava.

Agora sim, que em firme Monarquia  
O premio logrará, que cuidadosa  
Com tam santos excessos adquiria.

Agora sim, que sempre venturosa  
A vista empregará na Magestade,  
Que na Corte immortal vive gloriosa.

Agora sim, que aquella divindade,  
Que adora o Seraphim sempre amoroso,  
Verá quanto durar a eternidade.

Agora sim, que ao Rei mais poderoso  
Rogará de mais perto pela vida  
De terno tam querido, e venturoso.

Agora sim, que em glorias suspendida  
Terá de Portugal tanta lembrança,  
Como de Portugal é bem sentida.

Vós, illustre Isabel, que sem mudança  
Soubestes ostentar amor tam fino  
Ora fosse em tormenta, ora em bonança.

Vós, que por ter discurso peregrino  
Déstes a vosso amor objecto tanto,  
Que passava de humano a ser divino.

Suspendei a corrente a vosso pranto;  
Pois offendeis com elle a quem na gloria  
Ouvindo está, senhora, eterno canto.

Alivio seja sempre esta memoria  
Do excessivo pezar, que solicita  
Levar de tantas prendas á vitoria.

Contemplae de Luiza a eterna dita,  
Se quereis do pezar ficar triumphante,  
E faça-vos o Ceo quasi infinita :

— Vossa firme oradora, Sor Violante.